N.° 332. **Anno de 1830.**

DIARIO DE PERNAMBUCO.

Subscreve-se na Tipografia do mesmo Diario rua Direita N.° 267 1.° andar em mezes por 640 reis huma folha que sahirá todos os dias uteis.

SEGUNDA FEIRA 8 DE MARÇO. ***S. Joaõ de Deos.***

Preamar as 4 horas e 30 minutos da tarde.

O Compadre mudo ao Compadre surdo.
CARTA 2.ª
Trebisonda 4 de Março de 1830.

RECEBI a tua carta, meu Compadre surdo, e lhe achei tanto sal, e tanto gosto, que fui correndo levala ao nosso Juiz de Paz, em cuja caza estava o Licenciado Advogado desta Villa, o qual, (Deos me perdoe, que eu naõ quero dever o credito alheio) se naõ me engano, me parece um columnaõ, e daquellas retorcidas em forma de parafuzo, ou de tarraxa. Começou elle a ler a tua carta, e a principio ia gostando da chufa; mas, quando chegou a' historia do teu nascimento; oh! bocca, que tal disseste! ficou como uma cascavel. Que farroupilha! Nem sabe contar, ou ignora tudo, que diz respeito a' Carvalhada, que apenas havera' seis annos existiu, e ja' o diabo do surdo nos anda aturdindo com o farroupilhismo, e escrevendo analises contra a brilhante pintura da porta de Palacio! Que bella testemunha para ter conhecido o Concilio Tridentino com seu timaõ de catarí, e carrete de pica-páo na cabeça! E' farroupilha, e quem vè um vè todos. Mas a cousa é peior, do que me pareceu a principio, continuou; e' uma desaforada mangaçaõ, que o patife do Republicano faz das bombas, que aquelle celebre marinheiro a' serviço do Imperador lançou sobre o ninho dos ratos do Recife. Ah! Lima, Lima! tu es a causa das causas; se os tivesses enforcado a todos, elles naõ estariaõ agora: Viva a Constituiçaõ: Viva S. M. I. e C., e outros desaforos taes. Eu na verdade, Compadre, quando vi o homem, como um endemoniado, tremendo de raiva, revirando os olhos, escumando pela bocca, rangendo os dentes, como um caitatú pouco faltou, que me naõ mijasses pelas pernas abaixo. Porem o Snr. Juiz de Paz saltou-lhe nas ancas, que foi um gosto; fiquei " zonzo" de vèr discorrer, e disse ca comigo; maldito pai, que naõ manda seu filho para a escolla aprender a Prosodia. O Letrado diz, que e' filho d'aqui; mas, Compadre, se este homem naõ e' puça, entaõ Judas naõ era Carioca: olhe; a falla, os tregeitos, o nariz. os pés, as opiniões, tudo, tudo é de marinheiro. Mas, como hiamos dizendo.

O Snr. Juiz de Paz disse; Snr. Doutor, admira, que Vm. sendo um Letrado naõ conheça, que isto e' uma introducçaõ graciosa para chamar a attençaõ do leitor, e naõ para mangar do Lord Cockrane, nem por ignorar os accontecimentos, e menos por falta de arithmetica. Como nasceu surdo quiz gracejar com isto, que e' o consolo, que muita gente tem, quando naõ pode remediar os defeitos, que lhe impoz a natureza. Passe esta, Snr. Juiz, disse o bom do nosso homem; mas acabar elle dizendo, que ouve uma salva, sendo elle surdo " a nativitate ", e', ou naõ uma contradicçaõ palmar? Mas os farroupilhas naõ se engasgaõ com essas moscas. Ainda assim, Snr. Doutor, se podem
conciliar mui bem as duas cousas; um zumbido,
um zumzum naõ é o mesmo. que um canhaõ, que se
pode bem perceber por qualquer dos sinco sentidos:
eu pelo menos, quando se dispara uma peça, ainda
antes de ouvila, sinto tal revoluçaõ nos intestinos,
que Deos nos livre. Naõ leu nunca Vm. aquella
historia de um surdo de nascimento, que estando
na torre de uma Igreja em Pariz, com a zuada dos
sinos, que repicavaõ, cobrou as ouças? Pois uma
salva de canhões de vinte quatro tem ainda mais poder.
Nisto chega um portador do Recife com cartas,
e gazetas: logo a' ellas: lé-se com empenho; vae
se naõ quando salta o nosso Doutor, gritando — isto
sim é, que é escrever? Appresenta um papel, que se
chamava — Cruzeiro — e era o N.° 193, e lé um
Communicado assignado por um tal Snr. " Conti-
nuar-se-ha. " Logo no principio (naõ dizia eu, que
esse Doutor era puça?) esmoreja-se o Communi-
cante em provar, que " os Portuguezes cairaõ da
sua gloria por causa da corrupçaõ dos costumes nas-
cida da introducçaõ das ideas liberaes — " E para
que vem este Snr. " Continuar-se-ha " agora suan-
do camizas em abono dos Portuguezes? Escreve-se
em Pernambuco para o Brasil, ou para Portugal?
Pertender-se-ha levar-nos de rastos em romaria la a'
esses Sanctos? Snr. Doutor se este Communicado
naõ é de algum Portuguez, o diabo o pintou, e Vm.
que tanto gosta, ainda que queira ser Brazileiro, faz
traiçaõ a' suas ideas. Este papel mente e vou a pro-
valo.

Um Author Francez bem moderno, que escre-
veu uma historia completa. unica que temos do
Brazil, diz, e com verdade, que a Naçaõ Portugue-
za em quanto dava ao Mundo o exemplo de um Po-
vo enfreiando o poder dos Reis; em quanto o espiri-
to Nacional vivia, firmado sobre as bases de um Go-
verno liberal; em quanto os Portuguezes diziaõ ao
Rei — é necessario, que V. M. cuide mais nos ne-
gocios, e interesses do Estado, se naõ. . . : em quan-
to os Portuguezes obravaõ por patriotismo, e naõ
por vassalagem, a Naçaõ Portugueza se cobriu de
gloria, e assombrou o Mundo com prodigios de va-
lor. E com effeito foi entaõ, que arrostando peri-
gos inauditos por mares nunca d' antes navegados,
appresentaraõ a' Europa o espectaculo de um mundo
desconhecido, e abriraõ ao Commercio uma nova
carreira. Veja-se sem preocupaçaõ a historia Portu-
gueza, e a' cada passo encontraráõ disto provas in-
contestaveis. Os Representantes da Naçaõ Portu-
gueza em 1640, quando o Reino foi restaurado das
maõs de Felippe de Castella, e posto nas do Duque
de Bragança, assim se explicaraõ — E presupondo
que ao Reino somente compete julgar. . . . e eximir-
se tambem de sua sugeiçaõ e dominio, quando o Rei

por seu modo de governar se fez indigno de reinar, por quanto este poder lhes ficou, quando os Povos 'a principio transferirão o seu no Rei para os governar — Depois da acclamação do Snr. D. João 4.° fizerão um manifesto, que impresso em Portuguez e Latim correu pelo Mundo todo levando o nome d' ElRei, e sua effigie. Nesse manifesto sustentarão as proposições seguintes

— O poder dos Reis esta' nos Povos, e Republicas, e d'ellas o receberão immediatamente —

— Ainda que os Povos transferissem o poder nos Reis, lhes ficou habitualmente, e o podem reassumir, quando lhes for necessario para sua conservação —

— Podem os Reinos, e os Povos privar aos Reis intrusos, e tirannos, negando-lhes a obediencia, submettendo-se a' quem tiver legitimo direito de reinar n'elles. —

Estas erão as ideas daquelles tempos. Como pois o Sr. *Continuar-se-ha* tem o despejo de avançar em publico semelhantes proposições só para ter o gosto de fallar contra idéas liberaes, dando por páos, e por pedras? A que loucuras não e' o homem arrastado pelas paixões vis? Ja o Somnambulo desmentiu este impostor, e ainda ha quem remetta do Recife aos pobres matutos semilhantes mentiras! Ainda que fossem verdades, Snr. Doutor, que temos nós com isto? Quererão, como o Cavalleiro da Mancha, conquistar por ca alguma Dulcinea com dote a força de gabolices? Vão-se embora, Srs. valentões, sabichões, fidalgões, e tudo quanto acaba em *oens*, que nôs ca somos apenas *Tupinambás, e Cahetês*, e com isto estamos contentes. Que erão os Brazileiros antes do Snr. D. João 3.° ? Um Povo pobre; mas simples, e livre. Que tem sido os Brazileiros depois d'esta epoca? Um Povo ainda pobre, e alem disto corrompido, e escravo: e de quem? De homens escapados as forcas do Rei, e ás fogueiras da Inquisição. E quaes forão os prodigios de valor pelas conquistas? Com barbaros, como na India, com selvagens no Brazil vencedores; mas com Hespanhoes no Sul, sempre vencidos. Que da Colonia do Sacramento, que elles fundárão? Que da Banda Oriental do Rio da Prata, sobre quem sempre affectarão pertenções?

Citão nomes isolados, e dispersos na Historia, e esses mesmos erão de homens dos tempos da liberdade da Monarquia. Mas ja então mesmo, que e' o que deduzimos do Communicado? Vemos esses afamados Portuguezes negando seus recursos a' praça de Dio, porque a sorte de seus irmãos nada lhes interessava, se o dinheiro não andava; e tudo dão com franqueza pelo pobre cabello da barba de D. João de Castro. E isto o que prova? A villania, e abjecção dos Portuguezes, o orgulho, e desprezo de D. João de Castro para com elles. E isto porque? Porque ja então as riquesas das doscobertas corrompião aos Portuguezes; ja os Reis querião ser tiranos; ja os *Juriconsultos do Rei Velho* se esforçavão por fazer crer a' Nação, que as Cortes de Lamego erão apocrifas; ja — Leis em favor dos Reis se estabelecem, —

— As em favor do Povo só perecem —

Fallão de Cidades fundadas, das soberbas muralhas do Rio de Janeiro: e para quem escreve este Snr.? O que vemos feito por elles prova, que elles forão, são ainda, e serão eternamente os barbaros da Europa: muito teriamos, que dever-lhes, se elles não houvessem fundado nada. Guarde, Sr. Doutor, guarde Vm. la esse alfarrabio, que e' uma cruz, que Pernambuco leva às costas.

Compadre, meu querido Compadre surdo, eu estava embasbacado, absorto, atonito, e com esta alma toda lavada: e venhão ca dizer-me, que um Juiz de Paz de ca do mato não e' nada! Eu na verdade não pensei. O bom do Letrado moïa, e remoïa o rabo na cadeira; abria a bocca como um calangro para fallar; mas cada palavra do nosso Juiz era uma rolha em uma botija. Assim e', que se deve eleger gente, nunca mais sairá' da minha lista: bem pode o Snr. Letrado ir arrumando sua tròxa; porque demanda minha, nem de cousa, que eu conheça, ja *veio tarde*. Vamos ao mais.

O homem quiz hir-se *escafedendo*, mas o Snr. Juiz de Paz, que viu o seu triunfo ganho (e' aqui para nós, o defeito dos matutos, quando tem ganhado um palmo de terreno, não deixão um pobre) agarrou pelo braço ao Doutor, dizendo, vamos ao outro: vejamos o que diz esse Columna, ou corumba. Era o Cruzeiro de segunda feira 2 do corrente Março.

Começou o Snr. Juiz de Paz a ler, e a primeira cousa era um Communicado firmado por um tal *Ex-Columna Intrepi-*

do : fixou a vista no Doutor, que estava com um riso sardonico na cara : deixemos de parte os insultos, que saõ peculiares a' este papel ; os homens de bem ja sabem, que elle e' o vehiculo da negra peçonha, que verte a penna de pessoas mal educadas, ou a quem coube em sorte almas sacadas do Cocyto para flagello da gente limpa. Vamos aos principios, a' que elle tenazmente adhere, o direito de herança do Senhor D. Pedro 1.° ao Throno do Brazil. Cedo começaõ estes Snrs. a solapar os direitos do Brazil, e as bases da Constituiçaõ do Imperio : os Portuguezes ao menos em seculos remotos e', que minaraõ, e fizeraõ saltar os direitos de sua Naçaõ ; mas que estes perjuros em menos de sete annos se esqueçaõ, ou finjaõ esquecer-se dos principios legitimos, em que a Naçaõ Brazileira baseou sua independencia, e liberdade, e' o suprasummum da audacia, e descaramento, e querem essas viboras, que a estyge arrojou sobre o Brazil, que os soframos com resignada paciencia ; provocaõ do modo mais sangrento os amigos da Constituiçaõ, e se queixaõ, e gritaõ ; porque lhes vamos em riba ; desesperaõ, e desabroxaõ em insultos, e improperios, aos que lutaõ pela liberdade ; e porque, em quanto elles se collocaõ no extremo do absolutismo ha espiritos, que se poem no extremo opposto. Seguramente no meio e', que esta' o bem ; mas, se elles se collocaõ em uma ponta da gangorra, o equilibrio se perde, se naõ houver quem occupe o outro extremo : naõ haja exageraçaõ de nenhuma parte, e tudo ira' bem. Eu quizera, Snr. Doutor, continuou o Juiz de Paz, que Vm. me appresentasse um só documento Official, uma Proclamaçaõ, um Manifesto, um Avizo, Portaria, ou Decreto, em que o Imperador fizesse valer esses pertendidos direitos, com que esses Columnas nos quebraõ hoje a cabeça, e quebraráõ taõbem as suas ; porque e' preciso desenganarem-se, que naõ comeráõ trutas a bragas enxutas ; ha de haver muita cabeça quebrada, primeiro que levem a sua ao bico, caso negado. Naõ ha um só titulo, em que elles fundem seus principios, a naõ serem seus caprixos, e suas preoccupações.

O Senhor D. Pedro de Alcantara, entaõ Principe Regente, ja mais allegou direito algum, que lhe pertencesse. Seu natural bom juizo, sua conhecida illustraçaõ bem lhe fez entender, que, se Elle proclamasse direitos pessoaes, naõ faria mais, do que aprezentar-se ao Mundo culto, como um filho, e um Vassalo rebelde, e insurgido contra seu Pai, Rei, e seu Senhor : Elle naõ faria, se naõ repetir o escandalo de . . . . . : o respeito, a gratidaõ devida a dedicaçaõ do Senhor D. Pedro prohibe, que profiramos em relaçaõ a Elle o nome reprobo de hum dos filhos de David. S. M. I. e C. por tanto appresentou a Portugal, e ao Mundo inteiro os direitos do Brazil, deste joven adulto, e ja varaõ, que reclamando os direitos de emancipaçaõ, queria como Abrahaõ sair da caza de seu pai. Era tempo de que o Brazil trabalhasse sobre si, e governasse seus bens ; elle ia ser independente, estava na ordem da natureza, e nada podia ja prevenir este portentoso accontecimento ; a Camara do Rio com toda a solemnidade Lh' o declarou em formaes palavras. E que fez entaõ o Principe Regente ? De hum golpe de vista penetrante abrangeu em sua vasta compreheņçaõ todos os dezastres, todas as calamidades de hum Povo, que nos esforços de sua emancipaçaõ naõ podia evitar tropeços, com que embarraraõ Nações antigas, e modernas, grandes, e pequenas ; o choque, e a collisaõ do interesse Publico com muitos interesses particulares de gentes, com quem Elle havia vivido desde a infancia : seu coraçaõ mavioso se enterneceu, e naõ vacilou um momento sobre o partido, que devia tomar. Poz-se a' testa da insurreiçaõ, e estes motivos taõ justos naõ podiaõ deixar de concialo com os Povos todos da Terra, e seu Augusto Pai naõ podia por muito tempo resistir a' esta torrente da opiniaõ Universal.

Faz-se muito merecimento de uma conferencia, que, dizem, em particular houve entre o Snr. D. Joaõ 6.° e o Principe, quando aquelle ia deixar o Brazil. Dando este facto por certo, ainda que El-Rei o negou ; que e', o que isto prova ? ElRei comprehendeu a possibilidade, ou necessidade de um successo inevitavel, e naõ fez mais do que aconselhar a seu Filho, que naõ deixasse, que outro, ou outros conduzissem a revoluçaõ, que sendo a causa sem remedio, Elle o licenciava para pòr-se a' frente da revoluçaõ, e trabalhar para si. E' um rasgo de politica, e naõ cessaõ de direito : e ainda que o fos-

se, precisava della o Brazil para fazer-se independente? Continuariamos a ser escravos, se ElRei de Portugal nunca quizesse fazer essa concessaõ? Seriamos menos, qne a Olanda, que sempre foi independente, ainda que por sessenta annos a Hespanha lhe negou esse reconhecimento? Pouca honra fazem a' sua Patria esses Brazileiros espurios, que colligados com os nossos antigos inimigos concorrem com elles para favorecer as vistas da Legitimidade contra os direitos do Brazil. Supponhamos, que ate' entaõ o Brazil nenhum direito tem, taõ pouco o tem S. M. I. e C. Provo.

A fim de contas para vencer a renitencia de ElRei de Portugal fez-se no Tractado de paz, e reconhecimento da Independencia uma transacçaõ, pela qual (e note-se, que na America só o Brazil, e S. Domingos compraraõ com dinheiro, o que ja era seu por direito e pelo preço de seu sangue) ElRei cedia do seu pertendido direito por uma enorme somma de milhões; e que diabo de herança e' essa, e que cessaõ voluntaria e' essa feita ao Senhor D. Pedro, que os Snrs. Columnas tanto vozeaõ? Derivaráõ essa herança dessa mesma compra? E quem a comprou? Que dinheiro servio para o pagamento? O Brazll trabalha para si ou para quem? O Brazil devia ser governado por alguem, escolheu ao Senhor D. Pedro de Alcantara, indemnizou-O de tantas fadigas com mil contos: que mais? Havia de dar dinheiro por sua alforria (vergonha!) ja' adquirida com sangue para ficarem em eterno captiveiro a' outro Imperante!!!! Snr. Doutor, Vm. e todos os Jurisconsultos do Rei velho saõ uns grandes *malemeritos* do Brazil, Deos queira..... Deos queira..... que..... Adeos, Snr. Doutor, que me vou, e antes disso quero deixar-lhe um parecer de amigo. Seja Vm. o que for, ou Brazileiro, ou Portuguez, o mundo anda de ma' fe' com Vm, e como o mundo esta' e estara' sempre de riba, se Vm. quer viver deixe-se de metter-se com columnas para destruir a nossa Constituiçaõ. Se Vm., e esses outros Senhores naõ gostaõ de governo liberal que mais querem? Naõ esta' Portugal com o D. Miguel livre do Trambolho? Quem lhes pega? Porque naõ vaõ para lá? Porque naõ vaõ para a Hespanha organizar uma guerilha para dar cabo dos farroupilhas, anarquistas, demagogos, republicanos do Mexico, que agora tiveraõ o desaforo de prostrar outras columnas do melhor dos Reis, o nunca assaz ponderado Fernando 7? Snr. meu, os farroupilhas naõ estaõ para graças; andaõ muito azédos, e botando cada olho taõ vidrado..... Faça seus requerimentosinhos, forme seus libellos, e contrariedades, peça suas vistas para embargos, em uma palavra chicana, dinheiro, e mais dinheiro, e deixe la os columnas com os farroupilhas, principalmente se Vm. e' Portoguez; e lembre-se de certo tempo que quando brigavaõ duas negras na rua, quem pagava eraõ os marinheiros: e se Vm. andava por ca nesse tempo, sabe Deos, quanto chupou, ou esteve para chupar!

Aqui, meu Compadre surdo, eu arrebentava por falar; sem me sentir fiz alguns esforços, que resultaraõ em uns guinchos assalvajados, com o que o nosso Doutor se encheu de terror, e se foi escapulindo, deixando-nos sòs. Eu ria-me, e o Snr. Juiz de Paz, cheio de si com uma justa vaidade por haver levado a' parede o Letrado de mais fama neste lugar, olhava para uma e outra parte, como quem buscava novo antagonista. Por fim me disse, eu ja me ia enfezando com o diabo do Doutor, perque ninguem pode ter sempre a paz em sua maõ, quando vejo estes Portuguezes metterem-se a reformadores ca no nosso Brazil, principalmente essa chusma de grumetes, que de fresco tem desertado de bordo dos navios para dar-nos regras, e a custa de nossa liberdade fazerem-se amiguinhos do Imperador, que elles chamavaõ de cabras, e negros. E' um gosto ir a gente ao Recife fazer, que quer comprar alguma cousa, so' para vèr uma multidaõ de Puças grandes e pequenos, todos com o Cruzeiro de pernas para cima lendo. Com isto nos despedimos.

Compadre, sabes o que observo? Aquì por estes matos os columnas, os absolutistas naõ fazem farinha, naõ. Se por sua ma' sorte a cousa chega a romper. lembras-te de Luiz do Rego, que naõ achou por aqui um so' homem? Pois olha, o mesmo havia de succeder, e succedera', quando elles aqui, ou em qualquer outra parte perderem a cabeça ate' o ponto de querer, que lhas tiremos. Pois que! elles se fiaõ na Tropa para este fim? Naõ sabem, que a Tropa e' Brazileira, e que a opiniaõ geral da Naçaõ por força se hade communicar aos Militares? Se querem vèr, experimentem. Quando se tratar de Independencia, e Liberdade ellas haõ de abondoñar os columnas, e seus intrusos Portuguezes, e passar-se ás fileiras de seus Concidadaõs. Senaõ vejaõ o que succedeu a Luiz do Rego com o Batalhaõ I.° com o 2.°, e outros corpos: vejaõ o que succedeu ao Madeira na Bahia com os soldados Bahianos.

Adeos, Compadre, continua a dar noticias a teu

Compadre mudo.

Pernambuco na Tipografia do Diario.